

CHAN CHAN - A METRÓPOLE DA TERRA

Filipe Jorge

Editora Argumentum

E-mail: argumentum@ip.pt

Mariana Correia

ESG/Escola Superior Gallaecia

Largo das Oliveiras, 4920-275 Vila Nova de Cerveira, PORTUGAL

Tel.: +351 251 794054; Fax: +351 251 794055;

E-mail: marianacorreia@mail.telepac.pt

Maria Fernandes

DGEMN/DREMC, Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Centro

Jardim da Manga, Apartado 6074, 3000-303 Coimbra, PORTUGAL, Tel. 351 239 854100

E-mail: mfernandes@dremc.dgemn.pt

Tema 2 – Conservação e Património

Palavras-chaves – Arquitectura, história, arqueologia, conservação e gestão

Resumo

A presente comunicação, reúne três textos que têm em comum o sítio arqueológico de Chan Chan no Peru. O primeiro, da autoria de Filipe Jorge, foca sobretudo o sítio arqueológico, a sua importância enquanto cidade – ruína e a dimensão da sua história. O segundo, cuja autora é Mariana Correia analisa do ponto de vista da conservação e gestão os processos em curso no sítio arqueológico e forma como esse património constitui um recurso no contexto Peruano. O terceiro e último texto, da autoria de Maria Fernandes, refere a experiência do curso PAT 96, primeiro que se realizou no sítio e que deu origem a todo o processo de conservação e gestão pioneiro nessa matéria ao nível mundial.

CHAN-CHAN – A Metrópole da Terra (por Filipe Jorge)

Esta apresentação sumária do sítio arqueológico de Chan-Chan vem na sequência da visita efectuada em Maio passado, aquando da nossa deslocação a Lima ao seminário SISMOADOBE 2005. Antes de entrar na sua descrição, gostaríamos de começar por uma breve contextualização do local no Peru, o terceiro maior país da América do Sul.

O Peru encontra-se entre a latitude 8º Sul e o Equador, a noroeste do continente Sul-Americano, com a sua costa banhada pelo Pacífico. O seu relevo, protagonista de uma contrastante diversidade, é dominado pelo atravessamento da cordilheira dos Andes que aqui tem a direcção SE-NW.

Esta situação geográfica aliada ao clima faz com que o território se apresente em 3 áreas distintas: a selva a oriente, a cordilheira andina no centro e a faixa desértica a ocidente. A estas características correspondem também, grosso modo, três diferentes tipos de construção onde a madeira, a pedra e a terra, respectivamente, são os materiais mais usados.

Chan-Chan situada numa faixa plana da Costa Norte do Peru, junto a foz do rio Moche, a escassos 5Km da cidade de Trujillo, está localizada numa zona árida interrompida por vales irrigados por antigas obras hidráulicas que trazem fertilidade ao cenário desértico.

Chan-Chan, capital do reino Chimú ou Chimor, foi conquistada pelos Incas em 1470 dC, após seis séculos de grande desenvolvimento e hegemonia político-económica na região norte do Peru, que se estendia desde o Equador até Lima. Quando em 1532 é tomada pelos conquistadores espanhóis, Pizarro encontra já uma cidade deprimida e com reduzida importância.

É considerada a maior cidade construída em terra em todo o continente americano e talvez a maior do mundo. Maior ou não, podemos referi-la como a Meca da taipa e do adobe, pela importância que o uso dessas tecnologias aqui revelou, pelo seu interesse urbanístico e arqueológico e pela riqueza e simbolismo que a iconografia Chimú apresenta, hoje a descoberto, na zona escavada e musealizada.

Quem já visitou Chan-Chan sabe, porque sentiu, toda uma magia que envolve este lugar e que nenhum texto, ou imagem, alguma vez retratará.

Desde logo o seu nome, com sua sonoridade enigmática, é objecto de várias leituras e interpretações: desde a cidade Chimor cidade da Lua ou das altas muralhas à cidade dos montes altos ou das serpentes, temas associados ao culto que aí se praticava. Credibiliza-se, no entanto, a aceitação etimológica de que o nome deriva da expressão “jan jan” que significa

sol sol ou cidade calorosa. Ou não fosse a terra o material omnipresente em expressão material, cromática e visual.

Hoje com um perímetro de 14km², aceita-se que Chan-Chan e os seus arredores chegaram a ocupar cerca de 20Km², considerando três tipos de áreas diferentes. Uma área nuclear constituída por cidadelas bem demarcadas, rodeadas de “Bairros marginais” e “Complexos arquitectónicos de elite”. Estas três áreas correspondiam a uma organização planeada refletindo uma hierarquização social e de funcionalidades distintas.

Os “complexos arquitectónicos de elite”, situados fora das cidadelas, como o nome indica acolhiam não só as habitações das elites sociais, mas também algumas funções administrativas de menor importância das que se realizavam no interior das cidadelas. Com uma localização na periferia Sul e Oeste da cidade, os “bairros marginais” seriam estruturas urbanas mais orgânicas onde a forte densidade e a precariedade construtiva, seriam as características mais notórias destas áreas habitacionais das classes mais pobres.

De acordo com a interpretação dos arqueólogos esta cidade cresceu durante 6 séculos, aproximadamente de 850 a 1.450 dC, observando 3 etapas de desenvolvimento marcadas pela construção sequencial das dez cidadelas (Squier, Gran Chimú, Belandier, Uhle, Chaywuac, Tcshudi, Rivero, Laberinto, Tello e Velarde). Tendo áreas variáveis entre 9 a 22 ha, corresponderiam, cada uma, à iniciativa dos diferentes soberanos que governaram a cidade.

No entanto, todas as cidadelas, ou palácios como também são designados estes recintos, apresentam características conceptuais e estruturais muito semelhantes, evidenciando a progressiva consolidação da sua organização formal e funcional e um domínio exemplar da terra como material de construção privilegiado.

Cada cidadela corresponde a um recinto estruturado para acolher actividades produtivas, administrativas e cerimoniais, embora nela coabitem armazéns, reservatórios e habitações. Em todos se verifica um modelo urbanístico repetido e que se caracteriza por:

- Serem recintos rectangulares amuralhados, sempre orientados Norte-Sul, com o acesso situado a Norte e uma planificação onde se evidencia um zonamento funcional-tipo, ou seja, são divididos em três sectores dotados dos mesmos equipamentos.

A cidadela Tschudi é a única que está totalmente escavada e aberta ao público. Por dentro das suas altas e espessas muralhas, com 12m de altura e 1.500m de comprimento, é possível imaginar um espaço urbano que serviu de residência de um soberano e de mausoleu após a sua morte. Pelo seu interior estruturam-se praças, ruas, áreas residenciais, administrativas e comerciais, reservatórios de água e plataformas cerimoniais, articuladas por circulações labirínticas.

Podemos identificar sequencialmente as seguintes áreas ou sectores:

A grande Praça cerimonial, com 5.600 m², um espaço com extraordinária sobriedade onde, apesar de sua escala social, se vive uma atmosfera intimista. Ao longo das suas paredes emerge um tratamento gráfico muito geométrizado e figurativo (peixes e aves) onde dominam representações ligadas à vida marítima.

Segue-se um percurso algo labiríntico no qual se sucedem pequenos espaços, a sala do Altar e a zona de Audiências, local de trabalho e mercado, que conduz à segunda praça cerimonial, de menores dimensões.

Um segundo sector é constituído pela Grande Cisterna (130 x 45 m) tendo por um lado uma área habitacional da guarnição militar do Palácio e de outro a área do presídio e dos armazéns. O terceiro sector é dominado pela plataforma funerária e cemitério.

Em todos os espaços desta cidadela a construção é executada com terra (taipa e adobe) evidenciando-se a par de grande domínio tecnológico do material uma imensa diversidade de motivos decorativos, em baixos e altos relevos, com uma forte carga simbólica e um intenso sentido plástico.

Mais do que um sítio arqueológico Chan-Chan é um laboratório iconográfico e um hino ao uso pictórico da Terra.

CHAN CHAN (por Mariana Correia)

Trujillo é um local paradigmático e fascinante de visitar. Chan Chan, a noroeste, estende-se numa malha urbana impressionante pela sua escala; paralelamente e a sul destacam-se na região, outros complexos arqueológicos bem mais restritos, mas sujeitos a uma densidade de investigação e dedicação para a sua protecção, que são de destacar. É o caso da *Huaca de La Luna*, que se diferencia a nível internacional pela constante actualização de conteúdos na área da conservação, o que tem decorrido nos últimos 14 anos.

No complexo arqueológico *Huacas del Sol y de La Luna* procura-se aplicar uma visão abrangente social, económica e ambiental, o que determina três componentes a ponderar no projecto: a investigação, a conservação e a valorização do sítio, ou seja o seu uso social actual. Deste modo, a **gestão sustentável** do projecto, só é possível pelo equilíbrio entre arqueologia, conservação e turismo cultural. Esta estratégia de protecção encontra-se amplamente desenvolvida no “*Plan Maestro para la Conservacion y Manejo del Complejo Arqueológico de Chan Chan*”, apresentado pelo Instituto Nacional de Cultura – La Libertad, em Agosto 1999 e aprovado pelo Presidente da República do Peru em 2000 (COLOSI, F; ORAZI, R. 2004).

A importância de um **plano de gestão** permite ajudar a relacionar equilibradamente a população local, ao seu património e paisagem; possibilitando não só o conhecimento científico do objecto, como também um desenvolvimento social e comunitário - mais integrado - da população. Por outro lado, compreendem-se melhor os critérios de impacto ambiental em determinado local, para além do impacto social do projecto e, conseqüentemente, do impacto do turismo - factor de desenvolvimento bastante agressivo. Um plano de gestão permite ainda desenvolver princípios e critérios, sustentados em estratégias e procedimentos aplicados à problemática em questão. Deste modo, a metodologia a aplicar no programa de conservação irá depender da investigação realizada sobre o objecto, procurando sempre a sua unidade e estabilidade, respeitando o seu ambiente ecológico e social.

Chan Chan foi declarado Património Mundial pela Unesco em 1986. Simultaneamente foi inscrito na lista de Património Mundial em Perigo, devido ao seu elevado **estado de deterioração**. A melhor compreensão dos factores ambientais – como sejam os sais, chuva e vento, choque térmico, humidade, El Niño, etc. – e dos factores humanos – agricultura, vandalismo, etc. – em cada sítio e objecto, poderá determinar no momento de intervenção, uma actuação mais adequada. De salientar, que há factores específicos a cada lugar, que podem contribuir para acelerar o processo de degradação. Por exemplo, tanto em Chan Chan como na Huaca de La Luna, o vento é um factor agressivo, mas enquanto no primeiro caso, o vento transporta cloretos (vindo a provocar salitres), o que afecta irremediavelmente os elementos em terra, no segundo caso, o vento é mais abrasivo, facto deveras perceptível no lado sul do complexo. O bom conhecimento dos factores que poderão acelerar a degradação do objecto, possibilita o desenvolvimento de medidas de anulação dos agentes de deterioração e naturalmente, de maior prevenção.

É difícil encontrar uma **solução ideal** a aplicar na conservação das estruturas em terra. Diversos produtos são constantemente experimentados, nomeadamente acetato de polivinílico, primal, emulsões acrílicas, produtos orgânicos, colímetros, goma de cacto, silicato etílico, resina acrílica, entre outros. Até a alfarroba é por vezes utilizada no México, devido às suas propriedades aglomerantes. Muitos dos produtos utilizados aparentam no início conferirem boa agregação, mas depois perdem a sua acção, acabando por resultar no destaque de parcelas dos elementos a consolidar. A protecção contra as forças agressivas da degradação que parece ter resultado melhor em Chan Chan, e em particular no Palácio Tschudi, foi bem simples: a realização de um revestimento de sacrifício, composto por uma argamassa resultante da mistura de gravilha, areia e argila, utilizada em grande parte da superfície superior das estruturas em terra como protecção superficial. Interessante de verificar, que neste caso o conhecimento tradicional foi aplicado em detrimento do conhecimento tecnológico.

Chan Chan ao assumir o valor histórico, cultural e arquitectónico que merece, torna-se objecto de visita por parte de turistas. O desenvolvimento da região passa deste modo pela **devolução de significado** ao sítio. Um plano de gestão a longo termo requer um maior envolvimento da população, o que possibilita assegurar o compromisso da comunidade na protecção do seu património. Permite também a sua reconciliação com o passado, logo maior responsabilidade social por um **desenvolvimento sustentável**, na gestão do sítio. Deste modo, a criação de emprego aliada ao turismo deveria implicar mais interesse da população local por Chan Chan, o que nem sempre acontece. A educação e a formação desempenham um importante papel no **planeamento estratégico**. A cooperação inter-institucional e inter-disciplinar também são essenciais para uma maior eficácia do plano de gestão. Cooperar com empresas ou instituições que se empenham solidariamente no estudo e conservação, como é o caso da

empresa de cervejas que apoia a investigação realizada na Huaca de la Luna, é uma alternativa viável. Consequentemente, a visão, empenho e dedicação de equipas profissionais inter-disciplinares possibilita uma gestão mais sustentável do sítio, o que contribui para a sobrevivência do projecto.

PAT 96 (por Maria Fernandes)

Entre 10 de Novembro e 13 de Dezembro de 1996, decorreu em Chan Chan o curso “*Panamericano sobre la Conservación y el Manejo del Patrimonio Arquitectónico Histórico-Arqueológico de Tierra – PAT 96*”. A organização do mesmo coube ao Instituto Nacional de Cultura Peruano, através da Direcção Regional *La Libertad* em Trujillo, ao CRATerre, ao ICCROME ao *Getty Conservation Institute*.

Participaram neste curso 24 técnicos, oriundos da Argentina, Bolívia, Colômbia, Cuba, Equador, Estados Unidos, Peru, Portugal, Uruguay, Paraguay, El Salvador e Venezuela. Na generalidade todos pertenciam ou estavam ligados a instituições públicas e privadas que de uma forma ou de outra, se encontravam conectadas às questões de conservação ou de nova construção em terra. A Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, enquanto instituição colaboradora do evento e organizadora do último encontro internacional relativo ao tema, foi a única a participar no curso fora do âmbito americano.

Por esse motivo, cheguei a Trujillo.

Recordo ainda hoje a primeira imagem do sítio, foi o piloto do avião que generosamente nos ofereceu, a visão aérea e deslumbrante do lugar a partir da costa. Registei a imensidão do sítio entre o litoral e as montanhas no meio de uma paisagem plana, desértica, onde emergiam estruturas quase imperceptíveis. Do céu vi Chan Chan pela primeira vez, o sítio onde decorreu o curso.

PAT 96, foi um curso intensivo de 5 semanas, de formação profissional especializada em conservação e construção em terra, que decorreu *in situ*, no museu, em Chan Chan, na cidade de Trujillo e noutros sítios arqueológicos do Vale de Moche e Chicama, respectivamente as *Huacas del Sol, la Luna y el Brujo*.

Claro desde o início, foi o objectivo de delinear durante o curso um esboço do *Plan de manejo* para o sítio arqueológico de Chan Chan. Com a colaboração de todos os participantes foi estruturado e por fases o primeiro esboço do *management plan* de Chan Chan durante os 4 módulos em que se estruturou o curso: metodologia (1ª semana), descrição (2ª semana), análise (3ª semana) e intervenção (4ª e 5ª semanas).

Os primeiros dias do curso PAT, decorreram em Tschudi (Chan Chan) e no Museu, entre exercícios e os primeiros contactos com a realidade do sítio.

Das aulas de teoria e história do restauro com Jeanne Marie Teutónico, recordo o exercício, no qual, em fase de proposta estudamos para épocas distintas, três cenários possíveis para a conservação de Chan Chan: em 1946, 1996 e 2046. Com Carolina Castellanos e Erica Avrami, identificámos o significado do lugar pelos seus diferentes valores, porque e tal como elas referiam insistentemente – *Conservación era una cuestión de valores*.

Conhecemos Trujillo com Alejandro Alva e Ana Maria Hoyle, onde deambulámos pelas ruas e casa coloniais em adobe. As superfícies arquitectónicas decoradas, foram-nos pela primeira vez apresentadas no museu, pela Clemência Vernaza e Leslie Rainer e finalmente no sítio sob intensa emoção pelo Ricardo Morales.

Chan Chan, dava-se a conhecer aos participantes do curso PAT nas suas mais diversificadas formas: em intensas aulas teóricas no museu e em visitas pelos mais diferentes e menos conhecidos locais do sítio arqueológico.

Esta semana mágica, como acabou por ser conhecida, porque todos nos apaixonámos por Chan Chan, só foi interrompida com a visita a Lambayeque, onde no meio de Tucumé e do Senhor de Cipán nos rendemos e por definitivo ao património em terra Peruano.

A segunda e terceira semanas, sobretudo técnicas, iniciaram-se com os novos registos computadorizados de Robin Lettelier e as aulas práticas de caracterização de materiais no laboratório e nas Huacas del Sol e de la Luna, com Hubert Guillaud, Wilfredo Carazas e Ricardo Morales. Numa segunda etapa, já com o *plan de manejo* em processo de análise, as aulas de diagnóstico físico com Tony Crosby, Julio Vargas, e Giacomo Chiari são ainda hoje,

uma referência na maneira de abordar as questões de degradação/ conservação de estruturas em terra. Com Michael Taylor conhecemos outros sítios arqueológicos em terra e com Clemencia Vernaza, Werner Schmid e Ricardo Morales ensaiamos as técnicas de restauro e de construção e pintura dos relevos policromados em terra.

A última semana foi alucinante em termos de trabalho. Com enorme dedicação todos os grupos mergulharam na elaboração do *plan de manejo*, onde se conseguiu chegar até à fase de resposta – estratégias e responsabilidades, em diferentes versões, é claro. O plano definitivo só foi concluído anos mais tarde após o fenómeno *el niño* se ter manifestado em 1997 e depois da segunda versão do curso - PAT 99.

Do grupo com quem trabalhei, recordo o Alberto Calla e o Roberto López que sempre estiveram comigo desde o início. Recordo as discussões e as calorosas conversas com a ponderada e sempre sensata intermediação do Jesus Briceño. Recordo as cumplicidades com a Cecília Alderton, Ilena Torres e Livia Vierno. Recordo-me de todos e desses enriquecedores dias.

A experiência humana e profissional que foi o curso PAT 96, tornou-se numa referência fundamental para a conservação e para o ensino da arquitectura em Terra.

Referencias sempre presentes e sem as quais a conservação e a gestão de sítios em terra nunca teriam sido possíveis.

Autores

Filipe Jorge. Arquitecto e fotógrafo de arquitectura. Pós-graduado em “Recuperação de Património Arquitectónico e Urbano”, Universidade de Évora, 1983. Editor de temas de Arquitectura, Património e Fotografia Aérea.

Mariana Correia. Arquitecta. Mestre pela CRATerre-EAG, França, com a dissertação “Le pisé d’Alentejo”. Doutoranda em Oxford Brookes University, Reino Unido. Docente e investigadora na Escola Superior Gallaecia, Portugal. Membro do Proterra e Presidente da Assembleia do Centro da Terra (este artigo foi desenvolvido com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Doutoramento em Conservação de Arquitectura de Terra).

Maria Fernandes. Arquitecta, Mestre em recuperação do património arquitectónico e paisagístico pela Universidade de Évora, 1998. Doutoranda em Arquitectura na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Frequentou os cursos ICCROM/Arc 91 e PAT 92 e 96. Membro do Proterra e Centro da Terra.

Bibliografia

- A. Pinillos R, CHAN-CHAN - TEN ANSWERS TO TEN QUESTIONS, Oro Chimú Collection, 1995, Trujillo, Peru
- Alfredo Rios Mercedes, TRUJILLO DE BARRO Y COLOR, 2005, Trujillo, Peru
- CAMPANA, Cristóbal (2000): *Tecnologias Constructivas de Tierra en la Costa Norte Prehispánica*, Instituto Nacional de Cultura – La Libertad, Trujillo, Peru.
- COLOSI, Francesca; ORAZI, Roberto (2004): *New Technologies for the conservation of the Archaeological Park of Chan Chan in* LEHM 2004, Weimar, Germany.
- CRATerre – “*Preservation des patrimoines archéologiques, historiques et architecturaux, Pérou, PAT 96: Cours panaméricain sur la conservation et la gestion du patrimoine architectural, historique en terre*”. Bulletin D’ information, nº. 20 – 1 er trimestre 1997, p.5-8.
- Curso Panamericano sobre la Conservación y el Manejo del Patrimonio Arquitectónico Histórico-Arqueológico de Tierra, Proyeto Gaia-PAT 96, 10 de Noviembre al 13 Diciembre, Chan Chan, Peru. INC, CRATerre, ICCROM, IGC. Referencias.
- VALLE ALVAREZ, Luís (2004): *Aportes Para la Historia de Chan Chan*, Ediciones SIAN, Trujillo, Peru.
- INC (1999): *Plan Maestro para la Conservacion y Manejo del Complejo Arqueológico de Chan Chan*, Instituto Nacional de Cultura – La Libertad, Trujillo, Peru.
- UCEDA, S.; MUJICA, E.; MORALES, R. (1995): *investigaciones en la Huaca de la Luna 1995*, Proyecto Arqueológico Huacas del Sol y de la Luna, Facultad de Ciencias Sociales - Universidad Nacional de La Libertad, Trujillo, Peru.

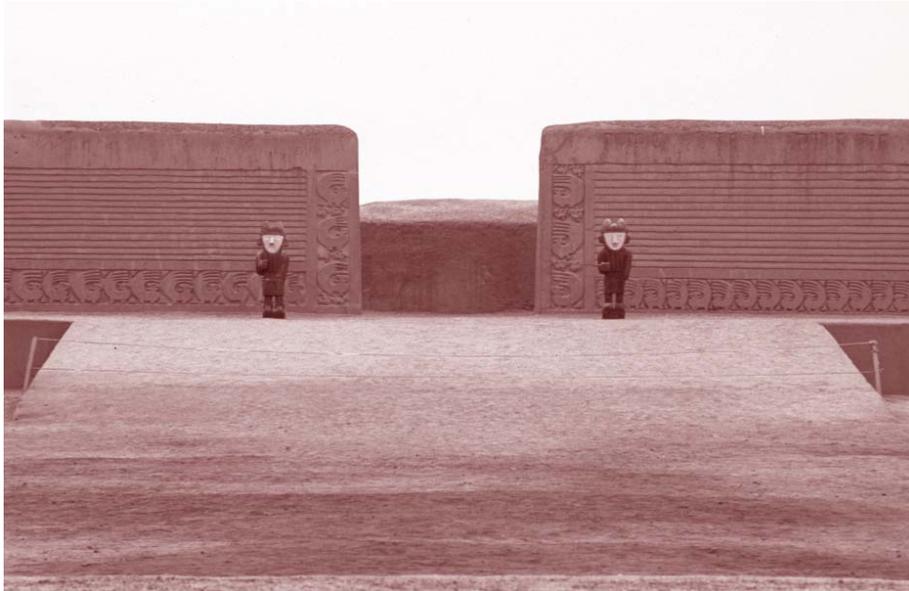


Palácio Tshudi



Palácio Tshudi





Palácio Tshudi



Palácio Tshudi



Foto aérea de Chan Chan